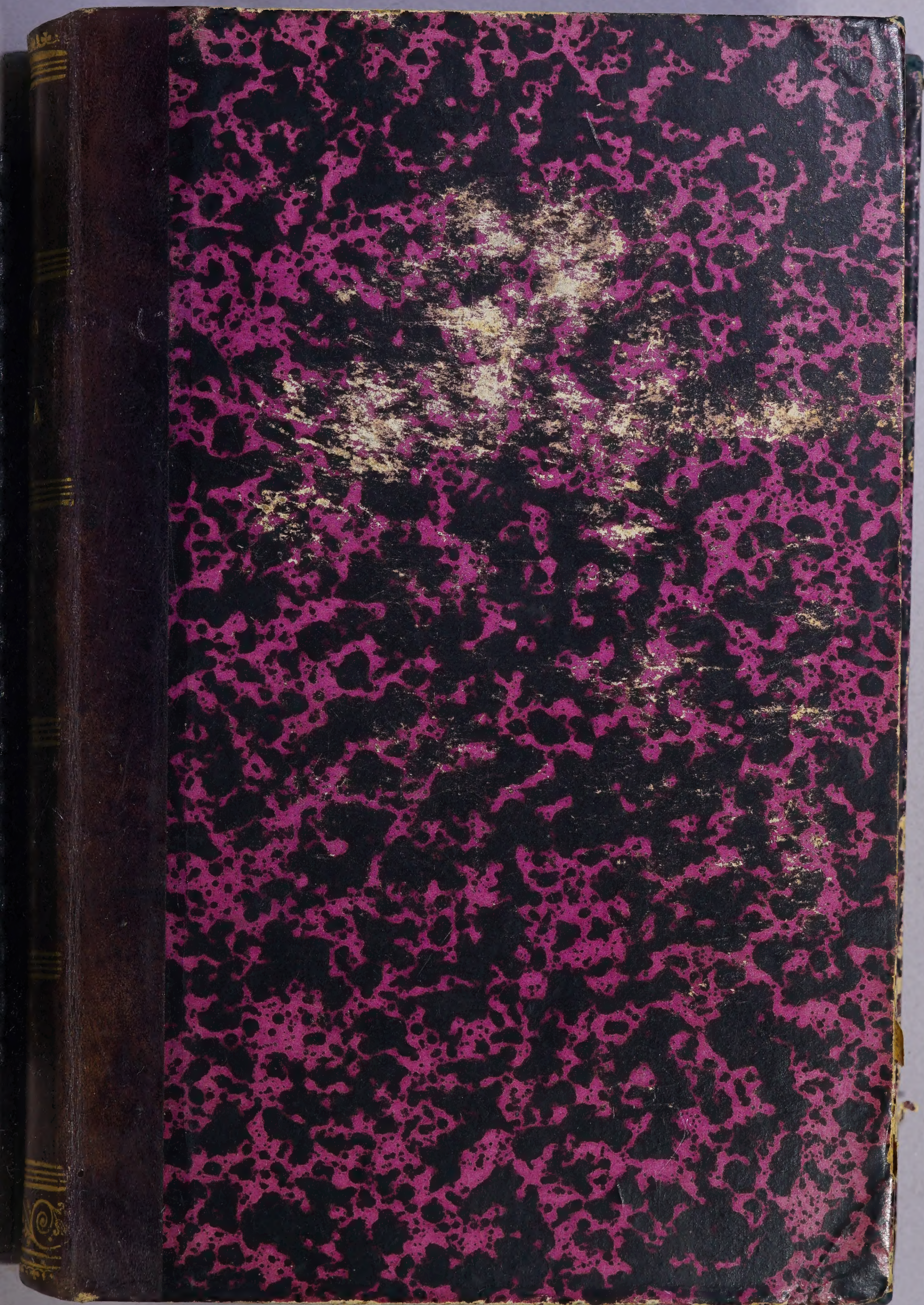


HUM GRITO

AO

PADRE MACEDO.

Nunca vos fallei, meu Reverendo Padre; mas tenho lido os vossos escriptos, e assistido vezes sem conto aos vossos discursos: se as palavras são o testemunho do coração, comparei-vos muitas vezes a hum Bourdaloue no encadeamento dos raciocinios, a hum Massillon na eloquencia, a hum Boussuet na ordem methodíca, com que tractaes as materias, e a hum nosso Vieira na originilidade de pensamentos, e na pureza da linguagem. Tenho-vos envejado no magestoso, admirado no dialetico, e quizera roubar-vos o sangue frio, e rica veia, com que aformoseaes o mesmo rediculo. Tendes, sem duvida, sido grande em todo o genero; mas sou obrigado a dizer-vos que morreis cobarde, fraco, e sem honra.

Não sois vós hum daquelles do Envagelho, aquem se destribuirão talentos com mão larga? Como pois enterrais estes talentos, sendo ainda tempo de lucrar com elles? Despis as armas ao mesmo tempo, que

hum sem numero de Felisteos, investem, e roubão o campo dos verdadeiros Israelitas? Máo servo, temo vos diga o Pai de familias, porque não lucrasteis a par de vossos talentos?... Sentinela cobarde para que desamparais o posto, que vos marquei no meu arrayal?...

Por certo, meu Padre, no campo de litteratura esmagastes Olivas, depennastes Patos, fizestes immudecer Grandilabios, e nem quartel destes ao imbelle Couto. Porém no campo Nacional, no campo, em que os Portuguezes temos nossas maiores riquezas, como Religião, culto, Instituições piedosas, direitos individuaes etc. capitulastes vergonhosamente, porque nem vos faltavão petrechos, nem munições, para desfazer nossos inimigos: logo morreis cobarde, fraco, e se não tomaes de novo as armas, nem a honra mereceis da sepultura.

Que vos intimidou na carreira gloriosa, que tinhâis imprehendido?... Temestes a caso essa alluvião de escrivinhadores, que só tem servido entre nós de atéar discordias individuaes, e entre as Nações vizinhas de patentear nosso atrazamento tanto politico, como moral? Temestes a venenosa influencia dos periodiqueiros, que quais bocetas de Pandoro tem servido de vehiculo, a males de todas as especies?... Aterrouvos o Promotor do Jury propondo aos Juizes de Facto a vossa differença entre os corcundas, e os liberaes, como hum crime incabeçado no 1.° grão do artigo 12 da Lei da Liberdade de Imprensa? Não; nenhum destes sustos podem cahir em hum varão cons-

tante. Dizem-me com tudo que vos assombrou sobre maneira a carta desse insigne velho, que parecendo escrivia para vós, erão seu unico alvo os Juizes de Facto, a quem pertendia previnir em vosso damno, inculcando-lhes a sua opinião entre milhares de sandices, e deixando translusir de espaço em espaço sua alta representação.

Nada daquillo podia intimidar-vos: não os escrivinhadores, nem os periodiqueiros, que peóres, que os cães, só ladrão em quanto lhe dão de comer, e párão logo que não haja quem os assalareie. Muito menos o author da analyse á vossa differença entre curcundas, e liberaes; differença que não authoriso, porém a analyse he o cumulo da sandice, e o documento, que depõe mais claro da ignorancia, e da estupidez de seu author. *Liberal vem de Libertas meu Reverendo Padre* . . . diz o velho mariola appaginas . . . . do seu impresso. Forte burrada! E que seria se hum tal pobre diabo fosse coloborador nas Leis, que devem regernos! Que tal se huma semilhante empreitada fosse incumbida a elle só!

Quando o Legislador ignora a força das palavras, com que exprime as Leis, prepara á sociedade letigios, duvidas, e pendencias sem termo: outro tanto nos aconteceria, se aquelle velho, calvo pela effervescencia dos miólos, tartamudo; porque o assombrárão em menino com o papão, fosse nosso Legislador. Apre! Dizer que liberal vem de libertas, he o mesmo que chamar ao branco preto, á noite dia, ao Ceo terra, e ao mar arroyo. Liberal, meu pater-

ta, he hum adjectivo portuguez, que vem de liberalidade, assim como livre he outro que vem de liberdade! A que fim iria aquelle asneirão incommodar a lingua Latina, que já morreo ha tantos annos, para lhe dar hum filho, que ella viva nunca conheceo, nem nos deixou provas, que os tivesse se não legitimos? Taes são meu Padre Macedo, os inimigos, que tendes a combater!

Deixemos pois semilhantes estouvados, e sejamos Constitucionaes, não acreditemos essa regeneração gigantesca, que pregão os esturrados, e que de certo ha de evaporar-se em efluvios platanicos: liguemo-nos unicamente a esse codigo salutar, que acaba de sahir das mãos da Soberania, convencendo-nos, de que elle he justo, e de que seus Authores reconhecendo a marcha de todas as cousas humanas, que nascem, crião-se, e amadurecem, não pertendem acabar por onde tudo principia. Todos estavamos convencidos de que havia necessidade de reforma, mas não era só o Monarcha, e a sua Familia, que a demandavão, por se terem persuadido que a Nação, e os seus bens erão patrimonio seu. Não a demandavão só os grandes, porque esquecidos de imitar os feitos gloriosos de seus avoengos, fazião dependentes de virtudes alheias os cargos, e os publicos empregos, devidos unicamente ao merito, e as virtudes pessoaes. Não era só o Clero, ou secular, ou regular, a quem a Nação he devedora de tudo quanto a tem engrandecido, e tornado industriosa, que devia reintrar na simplicidade de seus institutos primittivos. Todas as classes precisavão de

reformas, e para o dizer de huma vez, os mesmos, que emprehenderão a nossa reforma deverião elles primeiro reformar-se.

Reconheço que a nossa Constituição Politica marca sobejamente as veredas, que cada hum dos Cidadãos deve pizar, para que se consigão os effeitos da reforma; mas que importa? Estas veredas ao principio não deixão de ser escabrosas, e para as correr tornão-se indespensaveis praticos, que marchem adiante, dizendo aos Póvos, *vinde após de mim*, e não gritando-lhes *acima! acima!* ficando elles no vale da satisfação, e do goso, submergidos no luxo, e rodeados de huma moleza capaz de dessipar o Stoico mais rigoroso: pertendesse que a Constituição encha todo o seu meditado objecto?... Desse principio por moralisar a Nação, e sejão os Chefes da reforma os primeiros a dar-lhe exemplo de moderação, de parcimonia, de benovolencia, de piedade, e de Religião.

Em quanto qualquer partido achar apoyo ou na força, ou no poder, ha de triunfar do partido opposto; mas este triunfo, se me não engano, he mais proprio para destruir, que edificar, porisso que nenhum edificio politico se póde dizer solido, ou duradouro em quanto não tiver por base a unidade moral, e esta resultou sempre não da força; mas da intima convicção. Desengane-mo-nos: os povos aperciárão sempre mais hum *tomai lá, que dois vos darei*, e bens futuros podem conduzir os verdadeiros crentes relativamente ao que se lhe promette na eternidade, mas não servirão de estimulo aos que vivem do que apalpão, do que provão,

do que vem, e do que gosão. Todavia pareceme que não serei contrariado se disser, que Portugal, depois da nova ordem de cousas, tem crescido tanto em Politica, quanto tem diminuido em moral, e porisso temo muito do seu augmento, e receio que seja custoso circunscrever hoje os agigantados passos, que huma licença desenfreada corre a dar na quillo mesmo que he immutavel de sua natureza.

Levantai-vos pois, meu Reverendo Padre, e dizei aos Legisladores em nome do Senhor dos exercitos, que procurem nos Preceitos do Decalogo a conviniencia de suas Leis. Dizei-lhe que todos estes systemas absurdos, que a razão humana tem pronunciado, deverão em todos os tempos a sua origem ao desvio daquelles principios de toda a Filosofia moral, e politica. Dizei-lhe que essa razão humana não póde impor Leis a si mesma ao mesmo passo que póde approvalas, como necessarias á sua perfeição, procurando a sua Justiça nas relações do homem com a sociedade a que pertence, e nas relações desta com a primeira causa de todos os seres.

Levantai-vos, vinde preparar o alicerce moral ao edificio politico; porque alguns cabouqueiros que trabalhão nelle pouco passão da superfice, outros ingirindo-se na direcção dos associados sem entrarem pela porta merecem bem, na fraze do Evangelho o nome de = *fures*, *&* *latrones*. Deixemos figuras: he tempo de exaltares a voz como trombeta, para dizer ao Ministerio, que ou derogue, se póde, os principios geraes de Direito Canonico, e todas as Instituições Ecclesias-

ticas ou que reconheça que todos os actos de jurisdicção, que nesta Capital exerce certo Parrocho, que elle bem conhece, são nullos, irritos, e de nenhum effeito. He tempo de lançar em rosto ás authoridades, que hoje dirigem os negocios da quasi viuva Igreja Lisbonense, sua indolencia, seu desmazelo em prover suas Parochias em homens, que alem de náo serem seus subditos, nem terem as competentes Demissorias, arrastáo consigo ainda fumando o vergonhoso ferrete da apostazia, e do anathema.

Sahi á praça a alistar jornaleiros, para o campo do Grande Senhor; porque amesse ainda he grande, e os opperarios muito poucos, resultando daqui esvahecerem de fome os piquenos da casa do Pai de familias, por náo haver, quem lhes reduza a pedaços proporcionados á sua degestáo o Páo Evangelico. Se se prega a Constituição, se se inculca o presente Systema ainda ha quem inquira; mas a ninguem importa se se derigem os Portuguezes pelos caminhos do temor de Deos, como principio de toda a sabedoria, e talvez seria hum crime o dizer hoje desde a cadeira da verdade a huma Assemblea de Christáos " Filhos, amai-vos " mutuamente; o vosso distinctivo seja a Caridade, " a uniáo a vossa força, a simplicidade, e a modestia o vosso traje; náo appareçáo entre vós nomes desorganisadores, alcunhos infamantes, segundo o tempo; edificai, náo tracteis de destruir. O discolo, o provocador, o intrigante, os que á maneira dos Farizeos entráo os nossos Templos, para ver se apanháo alguma palavra disparatada ao Minis-

„ tro do Altar, *ut caperent eum in verbo*, para mimo-
„ zearem com ella a Authoridade civil, não perten-
„ cem á Constituição de Jezus Christo, consequen-
„ temente nem á nossa Constituição Politica, que
„ não póde prescendir daquella.

Vinde Padre Macedo, vinde combater tão grande mal. Ao echo da palavra, que vos derigio hum Portuguez deverias despertar, deverias correr ao choque da sua meia palavra; porem não sei que fatal obstinação vos torna constante no cumprimento d'hum Manifesto, que não vos era permittido, e do qual, ainda quando o podesseis fazer, estais desligado. Sejamos coherentes: hum semilhante Manifesto não vos era permittido, se não no caso dado, que fosseis hum individuo sem associação, sem Patria, sem Deos, sem Lei. O homem grande no meio da sociedade, he menos seu, que da mesma sociedade. A Nação a que elle pertence tem direito ás suas luzes, aos seus talentos, e este direito embaraça, que elle se curve ao capricho, d'hum punhado de bandidos, a despeito da maioria, que exige o continuado exercicio, e lucro daquelles talentos, que ella creou no seu seio, e de que deve perceber os fructos sasonados na crise, em que lhe são indispensaveis. Restitui pois á maioria dos Portuguezes, que pensão, que reflexionão, e que desejão correr pelos caminhos da Constituição, sem desvairar dos da Religião as luzes, de que elles precisão, e de que lhe sois devedor.

Tornar-se mudo, e silencioso quando assim o pedissem os interesses da Nação conciliados com os

da Religião, com o seu dogma, com a sua moral, seria hum sacrificio não só justo mas até apoyado no exemplo dos Profetas da Lei antiga, e seguido por muitos dos heróes da Lei da Graça; mas este principio não vos favorece, meu Reverendo Padre. Quereis guardar silencio quando a arvore da immoralidade se vai ramificando de tal forma, que ameaça abafar com sua sombra as maximas mais salutares, os habitos mais innocentes? Quereis guardar silencio, quando a abominação, e o escandalo tomárão assento até no lugar Sancto? Quereis immudecer quando he necessario gritar até inrouquecer?

Todos sabemos que o Povo Portuguez apprôvou o plano de liberdade, que lhe offertárão os Heróes do dia 24 de Agosto; mas tambem não duvidamos, que a maior causa de se ter abraçado com tanta rapides foi o intrever-se nelle a conveniencia dos bens, que nos prepara na vida presente com a esperança dos que se nos promettem na vida futura: tanto assim que os primeiros vivas forão sempre á Religião. Naquelle dia, e nos de mais, que nesse anno o ratificárão; a vontade da Nação, a sua mira, a sua tendencia era geral, era a mesma em todas as classes. Quem rasgou pois aquella Santa armonia? Quem intornou amargoso fel no meio da Sociedade? . . . Quem degradou classes inteiras de direitos innalianaveis? A resposta he prompta, e verdadeira: foi a ambição, foi a cobiça, que se tinhão escondido no seio mesmo da Regeneração; e que não podião apparecer sem fazer proselitos, e sem condemnar perante huma mas-

sa credula, familias innocentes diante da Lei, individuos sem outra mancha, que o terem merecimento, e virtude.

Aquellas duas Viboras, que rasgárão em todos os tempos as entranhas das milhores Constituições, vão-se alimentando entre nós, vão ganhando partido, formando apostolos de sua doutrina, e não contentes com os caffés, com as casas de Bacho, a onde prégão altamente; tem procurado ingerir-se até no Templo do Deos vivo. Alerta, meu Macedo! contra estes dois inimigos solapados he que deveis manejar as armas: gritai, denunciai-os á Soberania com a energia, que vos he propria, para que a espada da Lei os descabece, e não vêjamos renascer novos cavalleiratos, novas ordens, novas jerarchias daquelle centro mesmo, que se propoz destruir entre nós titulos pomposos sustentados no suor alheio, gratificações incompativeis com o nosso estado de miseria, e de pobreza.

Procuremos reunir o que aquelles dois inimigos tem dividido, e não consintamos que se verifique entre os Portuguezes a maxima pronunciada pela verdade por essencia = *Omne regnum in se divisum dissolabitur* = As Bases do nosso novo Pacto igualando a todos diante da Lei, garantindo os direitos de cada hum contra o embate das paixões dos outros, devem acudir a esta escandalosa scizura, que a licença, e a immoralidade vão abrindo a toda a força entre familia, e familia, entre classe, e classe. Nenhum Portuguez quer ser escravo; nenhum Portuguez des-

conhece já hoje as suas prerogativas, como homem; os seus direitos como associado, as suas regalias imperturbaveis, em quanto a Lei não pronuncia contra elle o seu aresto. Seria pois a Lei a que authorisou o nome de *Corcunda*, como arma sempre prompta ás mãos da immoralidade, para denegrir, e a fear diante da multidão o credito, a honra, a virtuosa circunspecção d'hum Portuguez sensato, e prudente?... Não: certamente não.

Quebrai por tanto Padre Macedo, quebrai o vosso silencio: exige-o o bem da Nação demanda-o a dignidade, e o caracter augusto da nossa Religião, até cujas aras tem chegado aprevaricação, e o escandalo; e se tudo isto vos não determina deve julgar-vos a opinião dos sensatos, banindo-vos da lista dos Portuguezes, e tirar-vos a Religião o nome de Ministro seu, para vos caber unicamente o de comico, que representou o que não era, disse o que não sentia; insinou o que nunca pôs em execução. Temei essa opinião, que no porvir ha de marcar com imparcialidade os feitos do tempo presente. Reconhecei com os sabios, que o alarido, que corôa em verde os seus heróes, que lhe erige estatuas, póde a penas chamar-se rumor, espirito de partido, facção assalariada; mas nunca *Opinião Publica*; amorada desta he só no futuro; ao seu conselho presidem só os sensatos; e os heróes de todas as condicções, de todas as classes apparecem alli despidos da representação, sem que os rodeie o estrepito de pontagudas bayonetas, ou falle em seu abono o horroroso estampido do bronze duro.

Temei hum semilhante Tribunal aonde apparecem motivadas as grandes emprezas, e os planos gigantescos; aonde muitas vezes o que nos seus dias passou por defensor dos direitos do homem, panygirista da liberdade das Nações, anathematisador do despotismo, só lhe cabe em partilha huma louca ambição, huma hypocrita filantropia, a abominação, e o crime imbrulhados na capa de virtudes sociaes. Eia, meu Padre, ao campo, trave-se a contenda com nossos communs inimigos, e sejão vossas armas exclusivas a razão, o convencimento, o zêlo patriotico, o amor da Religião; e eu vos prometto que em pouco tereis geralmente persuadido, que a nervologia dos systemas politicos só póde resultar da união da força moral, e que esta não póde incontrar-se dentro de hum Estado, aonde huns pertencem á Minerva, outros á Patriotica, huns á Regeneração, outros ao Grande Oriente, huns a Cefaz, outros a Apollo, e muito poucos a Jezus Christo.

Reconheço com a maioria da Nação o cumulo de ultrages, que tem cahido sobre vós: nenhuma das fraquezas inseparaveis da condição humana, se vos tem perdoado, fóra as invectivas do odio, os comentos da calumnia, as simulações da inveja, e mil outros attentados, em que a licença, amparada pela impunidade, está sobre-sahindo todos os dias. Todos estes attaques cahem de persi, não os pezando, e o Cidadão, que era Portuguez antes dos Invasores, que foi Portuguez no meio delles, corre caminho direito sem lhe importar que o arbitrio o risque da lista re-

presentativa, e que a facção triunfe no meio de ventos favoraveis.

Ora pois, se a maioria da Nação o pede, se a Religião o manda, se os vossos deveres como Portuguez vos impõe á obrigação de fallar, como podeis compadecer o estar calado? Dirme-heis, talvez, que procuraes por meio do silencio o ser esquecido. Não, Padre Macedo: o vosso silencio nas actuaes circunstancias he o maior incentivo, para lembrardes: os objectos, que precisão da vossa penna são continuos, não ha hombros, que possão com o seu pezo, não ha luzes, que dissipem tão de prompto o nevoeiro, e eis lembrando o Padre José Agostinho. Quem, como vós póde confundir os *Palhaços*, e *Papafinas* da Constituição, que devergindo dos principios, em que a fundárão seus Illustres Colaboradores, procurão arrasta-la para salva guarda de suas acções criminosas, de suas palavras sediciosas, e desorganisadoras. O Portuguez sensato, que he Constitucional por principios, foge dos clubs, não apparece nas associações; porque lhe lembra que ha de vir tempo, em que o mesmo Governo, que as proteje, ha de suar, para as anniquilar. O Portuguez sisudo comette tranquillo o cuidado do Estado aos que o governão, a formação das Leis ao Poder Soberano, e mede as vantagens do presente Systema pelo cumprimento do que se acha estabelecido no Codigo Salutar, que acaba de sahir de suas mãos; mas o encauto percipita-se se lhe não acodem.

Quem não ha de querer mantido o direito de pro-

priedade, salvo o exercicio de suas faculdades, balanceada sua condição pelo pezo do merecimento, e da virtude, garantida sua liberdade contra os attaques do mais rico, e do mais poderoso? Todas estas ideas são analogas á natureza do homem em geral, desejão-se sem se iuculcarem, amão-se sem ser necessario sancionar o seu amor; todo o caso está em que não fiquem em meras teorias, e que vão conrespondendo aos fins meditados, ainda que nisto sigão o tracto successivo de todas as cousas humanas (que como já disse) nascem, crião-se, e amadurecem.

Procurar nas regenarações Politicas a satisfação possivel de todas as clases, seria o caminho mais curto, para se chegar ao seu fim; porque as reformas, que principião por destruir, sem edificar acabão quasi sempre em montões de ruinas. Querer que as reformas toquem logo o apice da perfeição, e reduzão todos os institutos á regularidade de que são suceptiveis, seria querer prescindir do tempo indespensavel, para a formação dos entes moraes, rapidos na sua concepção; porem lentos no seu desenvolvimento organico, e methodico, seria querer abortos na ordem politica, e semilhantes imprehendedores, bem merecerião a applicação do nosso reconhecido Adagio = *Quem muito abarca, pouco aperta.*

O primeiro passo, a dar na reforma de qualquer associação politica, parece deve ser o conhecimento do vicio do antigo systema; e o segundo a applicação dos meios conducentes a reparar aquelle vicio, sem cahir no opposto. Os Portuguezes reconhe-

cêrão com effeito o seu mal, e até apontárão a origem donde immanavão suas dores, e continuas amarguras. Nomeárão Medicos, que detreminassem o curativo da infermidade, estes tem effectivamente receitado muito; mas ou fosse porque o estomago politico não podia ainda com medicamentos tão heroicos, ou fosse porque os canaes por onde se lhe tem applicado estivessem contaminados, o certo he, que o mal he quasi o mesmo, e se ha alguma differença ainda não he geral, nem passou de certas classes.

Não se admire, meu Reverendo Padre, se eu me apartei do meu assumpto, e tomei o tom de doutor, e de missionario neste grito, que lhe derijo. A minha vontade era fazer dos Portuguezes huma só familia, huma só associação, que obdiente á vara da Lei, marchasse tranquilla pela estrada da Justiça; mas para isto são indispensaveis directores imparciaes, executores praticos, que firmem a regra com o proprio exemplo; porque = *Instar regis totus componitur orbis*: Não tem com tudo acontecido assim: os nossos Directores, e seus immediatos andão em dia no percebimentos de seus emolumentos; e seus derigidos nem ainda em anno no reimbolso de creditos, que servirão de resgate ao Timbre Portuguez, arrancando-o dentre as unhas de rapinadoras aguias, que nem o nome de Lusos, querião conceder-nos.

O Systema economico he totalmente opposto aos principios de finanças: gastamos mais, do que temos, e para fallar a verdade, nem sabemos quanto nos devem, nem quanto devemos. O credito Publico em lu-

gar de restabelecer-se, vai caminhando na razão inversa, e as destinções arbitrarias entre divida antiga, e moderna, com o apendiz de Decretar o vencimento de juro aos credores do novo Systema, sem saber da sua vontade, sem os consultar, sem os ouvir, alem d'huma medida bem pouco Constitucional, decépa pela raiz o pouco credito do nosso Thesouro.

Deixará a caso de ser vicioso em huma Administração Publica, e Politica, o que foi sempre crime em huma admnistração particular, e commercial? Que devemos pois esperar de tudo isto? . . . Devemos esperar, que o mal se emende, que o credito Publico se restabeleça, que a ordem nos pagamentos principie conformando-se com todos os Systemas administrativos até hoje conhecidos. Devemos esperar que nossa empreza regenerativa se consolide com a rigorosa, prompta, e imparcial execução da Lei, que acabamos de receber, e que comprehende sem dúvida toda a nossa possivel felicidade.

Para ajudar ao cumplemento desta grande obra he que eu vos chamo, incomparavel Macedo, vendo despoticamente abafados os votos de mais de trinta mil Portuguezes, que vos chamavão á Soberana Representação. Tracta-se de firmar o nosso Pacto Civil no nosso Pacto Religioso, e combinar os deveres do Portuguez, como Cidadão, com os seus deveres como Christão. O objecto he de toda a transcendencia, e o digno desempenho delle seria, talvez o serviço maior, que podia prestar-se nas actuaes circunstancias ás classes secundarias da Nação. O Povo está sempre

prompto a seguir em chusma o pavilhão da novidade, mas poucas vezes he capaz de reflectir sobre as marcas de quem o appresenta, ou sobre os desfiladeiros a que he conduzido pelos Apostolos da mentira, que procurão firmar em hum efemero beneplacito, o seu interesse, e dos seus associados. Estes zangões politicos andão saltando entre os differentes ramos de Poder, em que tão judiciosamente nos temos classificado, e não ha acto publico, ajuntamento Nacional, a que não presidão os seus alaridos, ou que não seja manchado por algum insulto mascarado com o nome de liberalismo.

Dar a conhecer estes zangões, para os evitar, comparar sua vida passada, e seus a fazeres presentes com a dignidade do Systema, que temos abraçado he impreza só digna de vós, Grande Macedo; imprehendei-a pois, e convencei nossos inimigos, que somos Constitucionaes, porque desejamos ser livres; que somos Constitucionaes; porque defendemos o imperio da Lei, e da razão, que somos em fim Constitucionaes, porque não queimamos incenso ante os differentes Poderes, nem aggravamos alli as palavras incautas do Empregado faminto, do exesperado Pai de familia, do Ministro, ou do Militar preterido, ou demettido sem crime, do encarcerado, em summa, antes de culpa formada.

Se tanto fizesseis, talvez já vos vissemos encommendado em S. Nicoláo, Prior na Pena, Administrador na Casa Pia, e póde ser, que estendido em alguma das listas propostas, para encher Mitras vagas no

nosso Reino. Tendes vivido sósinho, sósinho morrereis, outro tanto me acontece, com a differença que eu nem vivo, nem morto lembrarei a ninguem, e a vossa morte será o vosso triunfo, tendes de ser chorado pelos sabios, elogiados pelos Doutos, e abençoado por todos os Portuguezes, se dereis o ultimo vocejo em abono da Religião, em favor da Patria, em defeza dos dereitos do Cidadão.

Resta-me pedir a Deos o restabelecimento da vossa saude, e confessar, que serei eternamente vosso estimador

A. C. M. S.

LISBOA: NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA. 1822.

9

C IS

O EDO.

N dinho.

ndar.

